

A Literatura na Revista da Semana¹

Gisele Taboada da Silva², Universidade Cândido Mendes (aluna de pós-graduação); e
João Elias Nery³, Universidade Ibirapuera (docente na área de Comunicação Social).

Resumo: a pesquisa aborda a presença da literatura na Revista da Semana, relacionando-a ao contexto literário e à imprensa brasileira do final do século XIX até os meados do século XX. O trabalho pretende analisar os estilos inseridos na revista - crônicas, contos, poesias e novelas - a tendência literária em todas as seções da revista, bem como a trajetória de seus autores no cenário editorial. Pretende-se ainda estudar a literatura como tema chave da imprensa feminina.

Palavras-chave: Revista da Semana; revistas brasileiras; literatura na imprensa;
imprensa brasileira; imprensa feminina.

¹ Trabalho apresentado ao NP Produção Editorial, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Graduada em Direito (USF), aluna de pós-graduação (UCAM).

³ Doutor em Comunicação e Semiótica (PUC/SP), docente e pesquisador na área de Comunicação.

A Literatura na Revista da Semana

Introdução

O presente trabalho tem como finalidade apresentar o resultado da pesquisa sobre a literatura na *Revista da Semana*. Trata-se de continuidade de pesquisa, parcialmente apresentada no Congresso de 2004⁴.

Para a análise da publicação literária na revista, elegeram-se dois períodos de estudo, sendo eles: primeiro, os mais antigos exemplares aos quais tivemos acesso, comportando os períodos de 1914 a 1921, considerando-se que os acervos consultados não possuíam a totalidade de exemplares publicados nesses anos; e, segundo, o ano de 1958, que corresponde ao último ano de existência da *Revista da Semana*. Desta forma, estabelecemos uma comparação entre os dois momentos, visualizando a evolução e a transformação no seu formato.

Consultou-se, para a realização desta pesquisa, material pertencente ao acervo do *Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa e História da Educação da Universidade São Francisco (USF)*, que se encontra no *campus* de Bragança Paulista e ao acervo da *Biblioteca da Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo (USP)*.

1. Imprensa e literatura

É interessante fazermos uma breve introdução acerca da mídia que temos como objeto de estudo, a revista. Se fizermos uma comparação desta com os livros veremos que deles herdou o formato de cadernos sobrepostos e a possibilidade de trazer diversos assuntos abordados de maneira discursiva e não limitada ao relato informativo, ao contrário dos jornais, que encontram na informação e documentação seu principal objetivo. Difere destes também quanto ao material utilizado em sua produção (mais caro, detalhado, melhor ilustrado) além do fato de geralmente conter elementos menos percíveis ao interesse do leitor, ao contrário do jornal, cujo valor é, em regra, estabelecido tão somente no dia de sua edição.

Isabel Travancas⁵, em trabalho que analisava determinada coluna jornalística carioca, também deu destaque à discussão feita em torno da literatura e do jornalismo,

⁴ Marinho, Nery e Taboada, 2004.

⁵ Isabel Travancas. A coluna de Ibrahim Sued – um gênero jornalístico.

citando as posições de, entre outros, Alceu Amoroso Lima e Nilson Lage. O primeiro entende o texto jornalístico como sendo uma manifestação literária na qual a palavra é provida de um sentido diferente, já que tem valor de meio enquanto na literatura ela traria o valor de fim. Lage discorda desse ponto de vista, observando que o jornalismo possui características que o diferem da literatura, impedindo-o de ser tido como equivalente. Nilson Lage⁶ afirma que

O jornalismo não é um gênero literário a mais. Enquanto, na literatura, a forma é compreendida como portadora, em si, de informação estética, em jornalismo a ênfase desloca-se para os conteúdos, para o que é informado. O jornalismo se propõe processar informação em escala industrial e para consumo imediato. As variáveis formais devem ser reduzidas, portanto, mais radicalmente do que na literatura.

A revista, mais do que um meio de informação – papel igualmente cumprido de forma objetiva ou de forma argumentativa e opinativa – veste-se ao mesmo tempo de multiplicidade e dinamismo, trazendo ao leitor um leque de temáticas que lhe chamam a atenção pela casualidade da linguagem, atualidade do assunto, ou propiciando um momento de lazer e distração. Dulcília Buitoni⁷ considera que

Lazer e um certo luxo foram-se associando à idéia de revista no século XX. E a imprensa feminina elegeu a revista como seu veículo por excelência. Revista é ilustração, é cor, é jogo, prazer, é linguagem mais pessoal, é variedade: a imprensa feminina usa tudo isso.



A *Revista da Semana* demonstrou, durante toda sua trajetória, elementos que confirmam estas afirmações. Cobriu acontecimentos regionais e internacionais, de caráter imprescindível como a primeira guerra mundial ou fatos locais, da vida privada de pessoas públicas como um casamento ou um passeio; divertiu por meio das caricaturas ou seções de humor; modernizou as técnicas editoriais existentes à sua época; manteve-se atual, trazendo seções de moda, artesanato, psicologia infantil, conselhos e culinária, direcionadas ao público feminino; e, manteve-se fiel à inserção da literatura, característica das mais marcantes, que acompanhou a revista do início ao fim.

Considera-se a revista *As Variedades* ou *Ensaio de Literatura* como a primeira publicação literária em revista do Brasil, fundada em 1812 na Bahia. José Aderaldo

⁶ Nilson Lage. *Ideologia e Técnica da Notícia*, p. 28.

⁷ Dulcília Buitoni. *Imprensa Feminina*, pp. 18-19.

Castello⁸ afirma que apenas três números da revista são conhecidos e, ainda assim, de extrema raridade. Tal publicação possui semelhanças consideráveis com a linha de publicação adotada pela *Revista da Semana*. Em sua apresentação, *As Variedades* teve definidos seus objetivos com as seguintes considerações:

O Folheto que oferecemos ao Público, mostra de alguma forma o plano que havemos concebido, e que, quando em nós é, desejamos desempenhar na redação e publicação do presente Periódico. Discursos sobre os costumes e as virtudes morais e sociais, algumas novelas de escolhido gosto e moral; extratos de viagens; pedaços de autores clássicos portugueses, quer em prosa, linguagem; algumas anedotas e boas respostas, etc. – tais são os materiais de que tencionamos servir-nos para a coordenação desta obra, que algumas vezes oferecerá artigos que tenham relação com os estatutos científicos propriamente ditos e que possam habilitar os leitores e fazer-lhes sentir a importância das novas descobertas.⁹

Da menção aos autores clássicos portugueses, note-se que em 1921, a *Revista da Semana* anunciou em sua coluna *Os Novos Livros – Seção Bibliográfica da Revista da Semana* uma parceria com a *Livraria Francisco Alves* e a *Sociedade Editora Portugal-Brasil Limitada*, em que seriam postos à venda, simultaneamente, no Brasil e em Portugal as obras de autores brasileiros e portugueses editadas por aquela editora. Eram anunciadas então as últimas edições à venda dos seguintes autores: Júlio Dantas, João do Rio, Celso Vieira, E. Lasserre, Sousa Costa, Maria ‘Amalia Vaz de Carvalho, Carlos Malheiro Dias, Dra. Amélia Cárdua, Mario de Artagão, e João Madail, além da coleção *Cartas de Mulher* que trazia autorias diversas.

Sobre a literatura, vale ainda lembrar que é considerada um ponto chave para imprensa feminina já que é sob tal temática que essa imprensa especializada desabrocha, permanecendo presente de forma expressiva na revista brasileira até os anos 60, conforme sustenta Dulcília Buitoni¹⁰.

2. Educação

Falar sobre literatura e, especialmente, sobre literatura feminina em um período histórico em que a figura feminina ainda era limitada ao espaço doméstico, à criação dos filhos e aos cuidados para com o marido, merece um adendo sobre a educação da mulher e os níveis de cultura da população daquele tempo.

⁸ José Aderaldo Castello. *A Literatura Brasileira*.

⁹ Idem, *ibidem*, p. 204.

¹⁰ Op. Cit., p. 23.

No período do Império, entendia-se que a mulher não possuía os mesmos níveis de discernimento do homem, não sendo talhada, portanto, para a educação escolar. Posteriormente, com a iniciativa católica, oportunizou-se ao público feminino a possibilidade de frequentar a escola, desde que as aulas fossem ministradas por docentes do sexo feminino e as salas de aula estivessem, da mesma forma, compostas tão somente por meninas. Mesmo com a abertura do ensino às meninas, suas famílias ainda não consideravam importante que elas fossem à escola, nem viam necessidade desse tipo de conhecimento em suas vidas. Essa visão tradicional retardou a expansão da educação feminina.

A vinda dos protestantes ao Brasil gerou modificações no sistema de ensino brasileiro, entre elas as salas mistas e intensificou-se a investida ao ensino. Mesmo com o passar do tempo, quando a instrução da mulher já era considerada com mais naturalidade dentro da sociedade, entendia-se que sua capacidade para a absorção do conhecimento era inferior à capacidade masculina, pelo fato de seu cérebro ter sido atrofiado pela falta de uso em gerações anteriores.

Com a chegada do século XX, a instrução já atinge um número maior de pessoas. De acordo com Dulcília Buitoni¹¹, esse número maior de alfabetizados, o início da industrialização, o crescimento das cidades, abolição da escravatura, a república, a formação das classes operárias, a chegada de imigrantes com maiores níveis de escolaridade e o crescimento da burguesia, entre outros tantos acontecimentos, são fatores que trarão mudanças substanciais à imprensa brasileira. Exemplo dessa nova organização política e cultural, na qual as mudanças começavam a ser reivindicadas, é dado pela mesma autora quando menciona episódio em que três costureiras publicam, em 1906, no jornal anarquista *Terra Livre*, suas reivindicações:

Companheiras! É necessário que recusemos trabalhar também de noite, porque isto é vergonhoso e desumano: (...)

E nós também queremos as nossas horas de descanso para dedicarmos alguns momentos à leitura, ao estudo, porque quanto à instrução, temos bem pouca; e se esta situação continua, seremos sempre, pela nossa inconsciência, simples máquinas humanas manobradas à vontade pelos mais cúpidos assassinos e ladrões.

Como se pode ler um livro, quando se vai para o trabalho às 7 da manhã e se volta para casa às 11 da noite? (...)¹²

¹¹ Op. Cit., pp. 41-42.

¹² Dulcília Buitoni. *Mulher de Papel*, p. 36.

Tendo como ponto de partida esses periódicos e o perfil que traçam sobre as mulheres de sua época, a crítica literária Nelly Novaes Coelho¹³ identifica o crescente interesse científico pela mulher entre séculos (considerando aqui a segunda metade do século XIX e a primeira década do século XX). Segundo essa autora “a leitura desses antigos jornais mostra o alto nível de conscientização alcançado pelas mulheres cultas do tempo e o quanto contribuíram para a preparação dos caminhos de hoje”.

3. A literatura na *Revista da Semana*

A presença da literatura na imprensa é herança dos folhetins do século XIX, nos quais a literatura e o jornalismo caminhavam lado a lado e as profissões de jornalista, escritor, romancista e poeta quase sempre eram exercidas concomitantemente. Considerando o período do final do século XIX e início do século XX (no qual se estabelece o início da *Revista da Semana*), podemos destacar inúmeras revistas em que essa influência pode ser observada. De acordo com Antonio Candido e Aderaldo Castello¹⁴

A propósito das publicações periódicas, convém lembrar que nesse período foi muito cultivado o gênero meio jornalístico, a princípio denominado folhetim, depois crônica. Ele consiste no tratamento breve e acessível dos fatos diários, de temas ligados aos costumes, à arte, à política, geralmente do ângulo das impressões pessoais.

A publicação da crônica *Um apólogo* de Machado de Assis na edição de 15 de fevereiro de 1919 da *Revista da Semana*, em página na qual se encontrava a periódica coluna *Noticias e Commentarios*, destinada a relatar acontecimentos de personalidades da sociedade carioca, insere-se no viés descrito. A coluna é nomeada pela revista de *Folhetim*, denominação essa impressa imediatamente acima do título dado ao texto. *Um apólogo* é uma fábula entre uma agulha e um novelo de linha em que o autor menciona, ao final do texto, ter dividido tal história com um amigo professor que confessara sentir-se tal como a agulha. O folhetim do qual extraímos o trecho a seguir vinha ao pé da página da coluna mencionada, na qual também se comunicava, por meio de recurso fotográfico, as “senhorinhas presentes à última festa” do *Chá do América*.

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:
- Por que você está com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma cousa nesse mundo?

¹³ Nelly Novaes Coelho. A emancipação da mulher e a imprensa feminina.

¹⁴ Antonio Candido e J. Aderaldo Castello. Presença da Literatura Brasileira, p. 113.

- Deixe-me senhora.
- Que a deixe! Que a deixe, por que? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.
- Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

Sobre a evolução do folhetim para o gênero crônica no início do século XX, Brito Broca¹⁵ destaca as inovações da imprensa deste período afirmando que

Entre as inovações de nossa Imprensa no início do século, com relação à literatura, podemos distinguir as seguintes: a decadência do folhetim, que evoluiu para a crônica de uma coluna focalizando apenas um assunto, e daí para a reportagem; o emprego mais generalizado da entrevista, muito pouco utilizada até 1900, e a crítica literária em caráter mais regular e permanente.

Buscando evidências desse legado, notamos, no primeiro período pesquisado, o peso da literatura sobre os textos jornalísticos como, por exemplo, os títulos da cobertura à primeira guerra mundial. Vale lembrar que as redações do início do século XX eram compostas por jornalistas e literatos que, como os profissionais da época dos folhetins, trabalhavam ora como cronistas, ora como críticos literários. Há a vinculação das matérias de informação com a manifestação da arte, como ocorre em uma edição de 1919 quando a revista publica um poema de Maria Jacobina de Sá Rabello, escrito em 10 de novembro de 1918, sobre a peste. Nos versos da autora:

e um pânico febril a população invade
 com o clamor de que grassa a peste na cidade!
 incrédulos a rir zombavam da “espanhola”
 e o mal como um incêndio, aterrador, assola...



A beleza da literatura não ficou restrita aos assuntos sérios, sendo vastamente utilizada pelas seções humorísticas da revista. Em 5 de março de 1921, Raul Pederneiras se utilizou da poesia para dar vida às suas caricaturas na seção intitulada *A Poesia Fugitiva – Os Improvisos*. Seguindo a mesma linha, publicou em 12 de março do mesmo ano seção sob o título de *Homero Também Cochilava... Pequena Coletânea de Cochilos Literários*.

¹⁵ Brito Broca. *A Vida Literária do Brasil – 1900*, p. 219.

Uma preocupação da pesquisa foi levantar quem eram os autores que contribuíram à revista com contos, crônicas, novelas e poemas. Seriam prestigiados autores cujas obras estivessem no mercado editorial ao tempo da revista ou estariam sendo descobertos novos talentos?



Levando em consideração os dois períodos destacados, verificou-se o aparecimento de 74 (setenta e quatro) autores diferentes, em 152 (cento e cinquenta e duas) ocorrências literárias, sendo que algumas dessas ocorrências se deve à continuação de texto iniciado em edição anterior, sobretudo na segunda fase analisada, na década de 50.

Da totalidade destes autores, identificamos 06 membros da *Academia Brasileira de Letras*. Por outro lado, identificamos ao menos um autor membro de academia regional e poucos eram autores estrangeiros cujas obras eram traduzidas, sobretudo do espanhol e do francês (assim como *O Herói Imprevisto* de Manoel Machado, *A Tarde de Outono* de François Coppée, *O Ladrão Arrepentido* de Blanco Belmonte, *Uma Vida* de Angel Guerra, *O Grito do Abismo* de Georges d'Espèrès, ou *O Anônimo* de Manoel Aguirre de Cárcer).



Dentre os autores consagrados, a *Revista da Semana* manteve ao longo dos anos uma invejável seleção de contos e poemas de autores como Aníbal Machado, Boccaccio, Carlos Drummond de Andrade, Eça de Queiroz, François Coppée, Jorge Amado, Jules

Lemaitre, Lygia Fagundes Teles, Machado de Assis, Maquiavel, Orígenes Lessa, Olavo Bilac e Orson Welles.

Alguns autores mantinham relação intensa com a revista, como era o caso de Olavo Bilac. Em razão de seu falecimento, foi lançada edição com matérias especiais em homenagem ao poeta. A *Revista da Semana* de 04 de janeiro de 1919 trazia em sua primeira página um editorial de despedida:

(...) Numa das seções dessa Revista nos ocupáramos, em nosso último número, da doença de Olavo Bilac, e também partilhávamos da esperança de ver restituído a sua serena vida de glória o atual poeta máximo do Parnaso brasileiro. Essas palavras de carinho, que nossos leitores só leram no próprio

dia consternador da morte de Olavo Bilac, ele, porém, as lera na véspera de morrer. Essas foram as derradeiras palavras que ele leu; e, como tinham sido ditadas ao nosso companheiro que as escrevera pela unânime ternura e pelo unânime respeito que todos os escritores desta casa professávamos pelo Mestre, tais palavras traduziam fielmente o nosso culto de admiração e de afeto, em tão breves momentos convertido em saudade inconsolável e dor acerba. (...)

Discutindo a sucessão de sua vaga na *Academia Brasileira de Letras*, a *Revista da Semana* lançou um plebiscito para saber a opinião dos leitores acerca do assunto, cujo resultado foi publicado posteriormente, na edição de 15 de fevereiro de 1919. Anos depois, na década de 40, a revista ainda lembraria do escritor em artigo intitulado "O Inesquecível Bilac". Nesse artigo, mencionava-se uma brincadeira em versos entre Bilac e Raul Pederneiras, outro colaborador assíduo da revista que, além de importante cartunista, desenvolvia trabalhos literários. Dirigia-se Bilac a Pederneiras:

Raul é homem feliz,
Não diz as coisas a esmo,
E só não sabe o que diz,
Porque não ouve a si mesmo.

Em tentativa de estabelecer um vínculo literário dominante na *Revista da Semana* em seu período inicial, consideramos os autores que nela contribuíram, as influências de seus artistas e as demais revistas do período. Eram publicações importantes no final do século XIX, início do século XX: *A Semana Ilustrada*, *A Ilustração Brasileira*, *O Malho*, *Kosmos*, *Os Anais*, e a *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Candido e Castello atribuem a tais publicações um direcionamento parnasiano e realista, sendo que os simbolistas encontraram seu espaço em publicações como *Rio Revista*, de 1895, *Vera Cruz*, posteriormente denominada de *Rosa Cruz*, em 1903 e 1904, alcançando maior evidência em 1907, com a *Revista Fon-fon*, de Mário Pederneiras, irmão de Raul Pederneiras, que também era um de seus ilustradores. Segundo os autores

Os simbolistas alcançaram o grande público graças a uma revista fundada em 1907 e destinada ao mais largo êxito, pois tornou-se um dos mais lidos semanários ilustrados, noticiosos e mundanos: *Fon-fon*, de Mário Pederneiras, Gonzaga Duque e Lima Campos, com a colaboração dos jovens de influência simbolista, alguns dos quais pré-modernistas, como Álvaro Moreyra e Filipe de Oliveira.¹⁶

¹⁶ Op. Cit., p. 112.

É importante ressaltar que a história da literatura brasileira traz em sua divisão simbólica o final do Realismo no ano de 1893, tendo-se então o início do Simbolismo com a publicação das obras *Missal e Broqueis*, de Cruz e Souza. José de Nicola¹⁷ pondera que é “importante salientar que essas obras registram o início do Simbolismo, mas não o término do Realismo e suas manifestações na prosa, com os romances realistas e naturalistas, e na poesia, com o Parnasianismo”. Sobre o Parnasianismo, trata-se de tendência literária que prezava pela estética da arte ou “da arte sobre a arte”, mantendo seus seguidores à margem das transformações que eram feitas no período entre séculos; vale lembrar que um de seus maiores autores foi Olavo Bilac, eleito em 1907 como “príncipe dos poetas”.

4. Segunda fase da revista: a volta ao folhetim

Na última fase da revista, na década de 50, privilegiou-se a publicação de crônicas (ausentes na primeira etapa), contos e novelas. Lembre-se que “o romance, a novela e o conto, como forma literária só começaram no Brasil no século XIX, pouco antes de findar a sua primeira metade”.¹⁸

Esses gêneros literários são a imagem do resgate do antigo folhetim. Além da vinculação do folhetim com as crônicas, como mostramos anteriormente, temos o folhetim sendo, segundo uma das definições do Dicionário da Língua Portuguesa de Francisco da Silveira Bueno¹⁹, “fragmento de romance publicado dia a dia num jornal”. De acordo com a enciclopédia livre Wikipedia

O folhetim é uma forma de edição seriada, de obras literárias do gênero prosa de ficção ou romance, publicado em periódicos, jornais e revistas. Muitos autores brasileiros, como José de Alencar, Machado de Assis e Lima Barreto, tiveram obras suas publicadas, inicialmente, em folhetins, para depois serem editadas em livros.



As novelas invadiam diversas edições e eram, por vezes, divididas e espalhadas em partes em uma mesma edição. As novelas do período foram *Os Galhos do Cedro* de Maria da Conceição Neves Aboud (membro da

¹⁷ José de Nicola. *Literatura Brasileira – das origens aos nossos dias*, p. 177.

¹⁸ Silvio Romero. *História da Literatura Brasileira*, p. 1807.

¹⁹ Francisco da Silveira Bueno. *Dicionário da Língua Portuguesa*, p. 493.

Academia Maranhense de Letras, ocupando a cadeira de número 20 em 8 de dezembro de 1955), *O Coroinha* de Renard Perez (formado em Direito, dedicou-se ao jornalismo cultural e recebeu a medalha *Antonio Houaiss* em setembro de 2003), *O Mistério do Arayado* de Maurice Bernard Endrèbe (escritor francês), *O Urso* de William Faulkner (escritor americano vencedor do *Prêmio Nobel*), *Matéria de Interesse Humano* de Brett Halliday (pseudônimo de Davis Dresser, escritor americano no gênero do mistério ou pseudônimo de Bill Pronzini, o que não fica esclarecido a revista), *O Crime do Velho Besouro* de Alex Barber, e *O Vagabundo e o Menino* de Léo Victor.

A novela *Os Galhos do Cedro* foi lançada em 23 de agosto de 1958 e foi composta de 16 (dezesesseis) capítulos, sendo encerrada em 13 de dezembro do mesmo ano. O primeiro capítulo era iniciado pelo seguinte parágrafo:

Suas mãos rudes, ásperas do trabalho da terra, de unhas cortadas tão rentes que pareciam cravadas nos dedos, deslizaram suaves, em seu rosto acalorado, enxugando o suor que o sol, agora morrendo vermelho, fizera brotar.

5. O amor: tema universal na literatura feminina?

Constata-se que na imprensa feminina há um tema universal que corresponde a um interesse particular de todas as mulheres: o amor. Segundo Dulcília Buitoni²⁰

Quase não há revista que não trate, de alguma maneira, do tema coração. O enfoque pode ser o romance, o melodrama, a análise, o sexo. O coração já estava nos inícios – no consultório sentimental que expunha a barreira dos costumes, na literatura que falava de amor.

Em 1921, a *Revista da Semana* lançou o concurso *A Declaração de Amor* que consistia em premiar as melhores cartas de amor enviadas à revista num período de seis meses e avaliadas por uma comissão de três “homens de letras”. O lançamento do concurso trazia chamadas diferentes para homens e mulheres. Aos homens, lançava-se a pergunta “Como declararíeis o vosso amor, numa carta de vinte linhas, no máximo?”; e, às mulheres, propunha-se “Como responderíeis, numa carta de vinte linhas, no máximo, a uma declaração de amor?”. A iniciativa da revista em proporcionar a seus leitores um espaço em que eles poderiam produzir literatura resultou na publicação de diversas cartas do público discorridas em prosa e poesia. Registre-se a possibilidade da autoria de tais cartas ser da própria redação da revista, prática comum nesse tipo de veículo.

²⁰Op. Cit., p. 22.

Na edição de 12 de fevereiro do mesmo ano, por ocasião do carnaval, foi dedicado um espaço da revista sob o título "O Amor de Colombina", no qual se reproduzia trecho de um poema de Menotti Del Picchia, anteriormente publicado em "determinada edição de arte"²¹. A revista descrevia o autor como sendo "uma das mais interessantes figuras mentais da nova geração, dotado de uma fantasia exuberante, com faculdades verdadeiramente invulgares de criador", afirmando que o trecho transcrito incutiria ao leitor "a vontade de conhecer todo o poema". O verso a seguir é parte do material publicado:

Esse olhar deu-me o desejo
daquele beijo encontrar;
mas nunca, reunidas, vejo
a volúpia desse beijo,
e a tristeza desse olhar!

O passatempo também encontrou lugar para a literatura romântica. Em janeiro de 1917, foi publicada a coluna *Passatempo*, dividida em curiosidades, receitas práticas, humor e lirismo. Dentre os versos, destacamos:

Diz alguém que a despedida
Nada custa ao coração;
Quem tal diz que se despeça,
O' prenda dos meus carinhos!
Quem tal diz que se despeça
E verá se custa ou não...

A última fase da revista trouxe igualmente a temática romântica em suas páginas seriadas, alimentando a fantasia e imaginação femininas nas novelas e contos que falavam de paixões tomadas como evidentes, como em *Os Galhos do Cedro*, em que "Jasmina estava certa do amor de Sérgio", ou ainda amores abandonados, como ocorreu com o personagem de Renard Perez, no conto *O Amor de Minha Vida*, que se apaixonou por Marili através de uma foto mostrada por seu primo e a desejou perto dele avidamente até o momento em que a teve frente a frente, sentindo então saudades de sua solidão e resolvendo deixá-la ali, voltando para sua terra, sem entender o que se passa no coração humano.

²¹ A revista não faz uma referência precisa, impossibilitando a identificação da publicação anterior.

Seja em histórias que falavam de amor, seja em poesias que retratavam a guerra, a epidemia ou o imperador, ou mesmo por meio das crônicas e dos títulos poéticos com que as páginas da *Revista da Semana* eram recheadas a cada edição, é certo que a literatura esteve presente em todas as edições dessa revista, escrevendo a história e ilustrando a trajetória da imprensa, renovando-se a cada nova fase e atendendo as necessidades e gostos de seu público, constituído em sua maioria por mulheres.

O percurso por nós percorrido na análise da literatura na *Revista da Semana* revelou a inserção de diversas formas literárias – contos, novelas, poemas – ao longo de décadas de existência da revista. A análise indica a presença de autores de destaque na literatura brasileira e a utilização, principalmente na fase final da revista, nos anos 1950, do folhetim como forma de atração de autores e público leitor. Evidenciou-se, também, o direcionamento da revista ao público feminino, o que incidiu diretamente na literatura publicada, que, seguindo a linha editorial, versou sobre temas ditos “femininos”, dentre os quais se destacam os “do coração”.

Observe-se que no concurso *A Declaração de Amor*, concebido pela revista em 1921, há clara definição do masculino e do feminino: para os homens, a iniciativa - escrever uma carta declarando o amor. À mulher caberia responder a uma carta supostamente recebida. A avaliação, feita por “três homens de letras” reitera a predominância do masculino na condução editorial do concurso dirigido à mulher.

Referências bibliográficas

- BOSI, A. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BROCA, Brito. **A Vida Literária no Brasil – 1900**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1975.
- BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Técnica Radial Ltda, 1982.
- BUITONI, Dulcília. **Imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1990 (série Princípios).
- BUITONI, Dulcília. **A Mulher de Papel – a representação da mulher na imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Edições Loyola, 1981.
- CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da Literatura Brasileira – História e Antologia**. São Paulo: Editora Difusão Européia do Livro, 1964.
- CASTELLO, José Aderaldo. **A Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, s/d.
- COELHO, Nelly Novaes. A Emancipação da Mulher e a Imprensa Feminina (séc. XIX – séc. XX). Disponível em <<http://www.cosmo.com.br>>. Acesso em 07 maio 2006.
- E.T.R. Enciclopédia Brasileira**. São Paulo: Editora Técnica Radial Ltda, 1982.
- FONSECA, Gondin. **Biografia do Jornalismo Carioca (1808-1908)**. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1941.
- LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- LIMA, Jacqueline de Cássia Pinheiro. Harmonia e dissonância na Imprensa carioca na primeira década do século XX. Disponível em <<http://www.historiaehistoria.com.br>>. Acesso em 19 julho 2005.
- MARTINS, A. L. **Revistas em Revista: Imprensa e Práticas culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- MICELI, S. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- Mulher, Sociedade e Estado no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- NICOLA, José de. **Literatura Brasileira – das origens aos nossos dias**. São Paulo: Editora Scipione, 1998.
- A Revista no Brasil**. São Paulo: Editora Abril, 2000.
- REIMÃO, Sandra. **Livros em Revistas – um estudo sobre a seção de livros em revistas brasileiras de grandes tiragens**. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco: Faculdades Salesianas, 1996.
- REIMÃO, Sandra. **Mercado Editorial Brasileiro**. São Paulo: ComArte/ FAPESP, 1996.
- ROMERO, Sílvio. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1960.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Cláudio Mello e. **Impressões do Brasil**. São Paulo: Sharp, 1986.

SILVA, Gisele Taboada da; NERY, João Elias; MARINHO, Maria Gabriela S. M. C. A Revista da Semana em Perspectiva. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., Porto Alegre-RS, 30 ago. a 03 set. 2004. **Anais**. 2004. [cd-rom].

TRAVANCAS, Isabel. A coluna de Ibrahim Sued – um gênero jornalístico. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v.24, n.1, p.109-122, 2001.